



Filmes como Crepúsculo dos Deuses e Jonas que terá 25 anos no ano 2000, podem ser comparados com o atual momento do setor elétrico brasileiro

POR EDUARDO JOSÉ BERNINI\*

# Sessão da tarde

Um leitor me desafiou a descrever a “atual conjuntura” do setor elétrico brasileiro com base em filmes, ou em cenas de filmes, que nos ajudem a interpretar melhor a tal “conjuntura”. Aí, o cronista, a exemplo de certo compositor de samba enredo, enoidou de vez, e saiu o texto abaixo.

Crepúsculo dos Deuses (Sunset Boulevard, 1950, Billy Wilder direção): o filme começa com Joe Gillis (William Holden), flutuando de bruços na piscina, narrando em off como tudo se passou, desde o momento em que o azarado roteirista (Joe Gillis), fugindo da financeira que tentava recuperar seu carro por falta de pagamento, se refugia na mansão de Norma Desmond (Gloria Swanson). A atual conjuntura do setor elétrico também é assim: só pode ser entendida através de uma narrativa inversa, do fim para o começo. E se não dá para ser contada desse jeito, é porque ainda não terminou.

Duelo de fogo (Gunfight at the Ok Corral, 1957, John Sturges direção): que dilema! Acompanhar pela televisão legislativa a tramitação das mais de 400 emendas à Medida Provisória 579, sem pipoca e Q-suco, ou assistir a um bom western em uma tarde de primavera quente e seca? Burt Lancaster (Wyatt Earp) e Kirk Douglas (Doc Holliday) já seriam o suficiente. Mas tem também Bat Masterson, interpretado por Kenneth Tobey, e o maior vilão de todos os westerns, Lee Van Cleef. Para os cinéfilos radicais, pontas com De Forrest Kelley (o Dr. Leonard McCoy de Jornada nas Estrelas) e Dennis Hopper, que muitos lembram apenas como o motoqueiro de Easy Rider/Sem destino (1969), mas que eu prefiro como Tom Ripley em Der amerikanische Freund/O Amigo Americano, no clássico de Wim Wenders, de 1977. Com uma alternativa dessas no DVD, como se ligar na TV Câmara/TV Senado?

Jonas Que Terá 25 Anos no Ano 2000 (Jonas Qui Aura 25 Ans en l'an 2000, 1976, Alain Tanner direção): um dos clássicos que formaram toda a geração que vivia no escurinho do Cine Marachá, na Rua Augusta, no Cine Bijou, na Praça Roosevelt, ou no Cine Belas Artes antes da reforma e antes do chope no bar Riviera. Para quem não assistiu, um resumo, que vale um compêndio sobre o final dos anos 1960 e início dos 1970: após terem participado intensamente do maio de 1968 (“L'imagination au pouvoir”!) um grupo de



**O setor elétrico só pode ser entendido através de uma narrativa inversa, do fim para o começo**

8 jovens, já nos seus 30 anos, se reencontra e confirma acreditar que o idealismo vai definir alternativas de vida para o que então se chamava “sistema”. Um deles tem um filho, Jonas (homônimo daquele outro, o da baleia), que terá 25 anos no ano 2000. Como em todo filme francês que se preza (no caso suíço, mas isso é irrelevante), discutem à beça as perspectivas esperadas para Jonas, e se a revolta contra o “sistema” será entendida pelas futuras gerações. Antes que me perguntem: não sei se a concessão de 25 anos de Jonas deu o retorno esperado, que tipo de riscos regulatórios foi enfrentado, se a qualidade do serviço correspondeu à determinada pelo regulador e desejada pelo consumidor e, principalmente, se vencida, a concessão foi prorrogada ou relicitada. E também não faço a menor ideia se Jonas, como Greta Garbo, terminou no Irajá, ou se é militante de alguma ONG ambiental. Assunto para outra crônica.

A Dama de Shanghai (The Lady from Shanghai, 1948, Orson Welles direção): o Cidadão Kane em grande forma. Um clássico do cinema noir, com direito a tudo que é de direito. Loira fatal, mortes forjadas para receber o seguro de vida e um personagem “laranja” que é envolvido em uma trama complicada e escabrosa pela

tal loira misteriosa (que na verdade não era loira, nem tinha cabelos curtos: Rita Hayworth foi convencida pelo mago Orson Welles a trocar seus longos cachos ruivos pelo corte curto e loiro, para não ser confundida com a Gilda (1946) que entortou a vida do vigarista Johnny Farrell/Glenn Ford após conhecê-la em um cassino clandestino em... Buenos Aires, cantando “Put the Blame on Mame”. Tudo ficção, nada de cinema verdade, bem entendido). A grande cena é o tiroteio dentro de uma sala de espelhos em um parque de diversões. Imagens distorcidas, cristal que se parte em vez de um corpo caído, claro-escuro na fotografia em branco e preto que torna o sangue cinza, e nem tudo o que se vê, é. Qualquer semelhança com o imbróglgio da suspensão da contabilização e liquidação no Mercado de Curto Prazo (MCP) da Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE) em janeiro, fevereiro e março de 2013 é mera coincidência (vejam bem, escrevo ao final de março e a revista vai às bancas em abril, portanto, se não dá para ser contada de outro jeito é porque ainda não terminou). E a vida tem muito mais imaginação que a arte.

Um Golpe à Italiana (The Italian Job, 1969, Peter Collinson direção): Michael Caine interpretando um personagem chamado



Charlie Croker, cujo sobrenome lembra “croker sack”, ou o recipiente que coleta as sobras grosseiras após o processamento de algum material. Croker sai da prisão imaginando o golpe do século, financiado pela mente criminosa de Mr. Bridger, vivido por ninguém mais do que Noel Coward (e cá entre nós, uma mente criminosa chamada Bridger é o máximo, não? Como piada pronta, só faltava, por absurdo, dizer que o financiamento foi feito por meio de um bridge loan... com garantias pessoais dos sócios durante a fase de execução do projeto, além de um performance bond fornecido pela seguradora controlada pelo próprio Mr. Bridger). Para quem vem acompanhando as altas (poucas, mas convenientes) e baixas (Pardon my French, muitas) no valor de mercado das companhias elétricas brasileiras (medida pelas cotações de suas ações na BM&FBovespa), as sensacionais perseguições comprovando a alta qualidade da indústria automobilística britânica, sem contar um conveniente apagão elétrico e semáforos em surto psicótico (em Turim, nada a ver com o que os paulistanos pensaram), parecem uma boa compensação para o estresse vivido nos últimos tempos pela turma de Relações com Investidores. Desce a pipoca com manteiga porque o colesterol está baixo.

De ilusão também se vive (Miracle on 34th Street, 1947, George Seaton direção): um clássico de Natal. Todo final de ano é reprisada a história do idoso de barbas brancas (Kris Kringle/Edmund Green) que fica indignado com o homem bêbado e fantasiado de Papai Noel na frente da Macy’s em Nova York. O simpático velhinho de barbas brancas é convencido a substituir o antecessor ligeiramente prejudicado etilicamente. Quem o convence é a personagem Doris Walker, vivida por Maureen O’Hara (pensei em listar Depois do Vendaval/The Quiet Man, 1952, um dos clássicos da parceria dos Johns, Ford e Wayne, com Ms. O’Hara, mas acho que é ainda muito cedo para isso). Um filme muito apropriado para ser assistido após a leitura da edição de 16 de março de 2013 da The Economist. Essa edição (“The America that works”), que traz como capa o relatório especial sobre a onda de competitividade que nem mesmo Washington é capaz de parar, daria um ótimo documentário capaz de ganhar prêmio em Davos, se o World Economic Forum curtisse cinema. Dentre outros temas, o relatório mostra (“Deep sigh of relief”) como o shale gas e a bonança no petróleo estão transformando o perfil energético americano e impulsionando a economia (sem contar o alívio nas pressões geopolíticas no Oriente Médio). E, mais interessante ainda, demonstra como

a infraestrutura da América, em estado crítico, está estimulando a busca de soluções criativas (“A time for renewal”). Eis um caso em que ver o filme e ler o livro (no caso, o relatório especial) pode propiciar bons momentos de inspiração e de reflexão.

E agora o fecho. Novamente, Orson Welles, o mesmo que deixou incompleto (não vamos entrar no mérito) o documentário que veio filmar no Brasil em 1943: It’s All True/É tudo verdade. Poderia ser O Terceiro Homem/The Third Man (1949, com direção de Carol Reed e roteiro de Graham Greene e Alexander Korda). É a história de Harry Lime/Orson Welles, que deveria estar morto, devido a circunstâncias misteriosas, mas que o personagem Holly Martins/Joseph Cotten descobre estar vivo na selva após investigar as inúmeras inconsistências da versão “oficial” da morte do amigo na Viena do pós 2ª Guerra Mundial. É um clássico do cinema de espionagem (ainda mais com roteiro de Graham Greene). Qualquer semelhança com exemplos do mundo contemporâneo é mera coincidência.

Por isso, “The Oscar goes to...” “F for Fake” (Verdades e Mentiras, 1973, Orson Welles direção). É o último filme de Orson Welles. Embora não se compare em termos de prestígio com seus antecessores (afinal, a filmografia de Welles é genial, mas não em tudo), foi visto por críticos como um grand finale da obra de um ilusionista, um mágico: na forma de um falso documentário, o plot gira em torno de uma investigação sobre a autenticidade e a autoria no processo criativo e laboral de uma obra de arte. Num mundo em que as nuances do claro-escuro se confundem com o colorido das redes sociais, dos ataques cibernéticos, dos blogs animados e da massiva propaganda, com mensagens subliminares totalmente explícitas, só mesmo lembrando a frase de um livro, até onde sei nunca filmado (Made in U.S.A., Boake Carter, 1938): “When War is declared, Truth is the first casualty” (“Em tempo de guerra, a primeira vítima é a verdade”). O livro pode não ter sido filmado, mas a história do autor merecia pelo menos uma minissérie. ■

\*Eduardo José Bernini, economista, acredita que a arte imita a vida e que o ilusionismo é uma arte.